



# O Moxicongo nas Minas Gerais

## Raízes e Tradição

Nelson Mateus Nogueira (Tateto Nepanji)

NELSON MATEUS NOGUEIRA – TATETO NEPANJI

**O MOXICONGO NAS MINAS GERAIS**  
**Raizes e Tradição**

1ª Edição

BELO HORIZONTE-MG  
CABANA SENHORA DA GLÓRIA  
2017

N778o Nogueira, Nelson Mateus, 1930 -

O Moxicongo nas Minas Gerais: Raízes e Tradição /  
Nelson Mateus Nogueira. - Cabana Senhora da Glória,  
2017.

74 p.

ISBN: 978-85-54896-00-3

1. Religião  
1. Título

CDD: 299.6

CDU: 291.1

### **Créditos**

Ilustração da capa: Rodrigo Fernandes Nogueira

Edição: Guilherme Dantas Nogueira

Recuperação de imagens: Ariane de Almeida Rodrigues

Diagramação: Guilherme Dantas Nogueira

**Fotos:** Todas as fotos apresentadas no livro pertencem ao arquivo interno da Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos'i, que se reserva o direito sobre sua reprodução. Fotos que foram feitas por fotógrafos profissionais apresentam selos d'água.

## DEDICATÓRIA

Ao lançar este singelo trabalho intitulado “O Moxicongo nas Minas Gerais: raízes e tradição”, faço com o coração voltado para o alto em busca de Nzambi, o criador do universo, e nas sublimes inspirações de todos os *nkis'is* maiores, que são a razão de toda minha existência.

Vejo em cada irmão de fé um companheiro; em cada criança uma esperança; nos nossos queridos caboclos os trabalhadores anônimos que trabalham em nosso favor; nos nossos Nvunjis, formiguinhas a trabalhar todos os dias nos trazendo alegria; nos nossos irmãos Njira, verdadeiros sentinelas a guardar o templo de nossa alma.

*O meu verdadeiro respeito.*

Àqueles que no dia a dia me incentivam para o trabalho, comungando comigo no mesmo cálice de esperança.

À minha esposa, Maria de Lourdes Nogueira, e a meus filhos, Tânia, Nilo, Henay e Gilson, e todos os seus familiares, dedico do fundo de minha alma este trabalho, suplicando ao nosso amado Nzambi que proporcione a todos a alegria de viver.

Ao Rodrigo Fernandes Nogueira, meu neto, que fez a capa desse livro, o meu agradecimento.

Ao Guilherme Dantas Nogueira, Tata Mub'nzazi, doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) e antes disso, meu neto, agradeço pela edição/adequação acadêmica do meu pensamento e pesquisa.

Aos meus *mona nkis'is* (filhos de santo), indistintamente, que vivem sob a égide de seus *nkis'is*, peço que o sorriso da Mãe Natureza esteja aberto para eles e, aos meus amigos de todas as raças, religiões e credos, o meu carinhoso abraço.

*Nzambi Kilaia Aderesê*



Nelson Mateus Nogueira (Tateto Nepanji)

## ÍNDICE

Prefácio .....	6
Prólogo: De Nelson a Nepanji.....	9
Introdução.....	13
Nossas Raízes .....	23
Candomblé – Uma Dádiva Afro-Brasileira .....	27
Hierarquia .....	29
Formação de Fiéis e Aperfeiçoamento para o Candomblé.....	33
Como São Chamados os Inquices no Candomblé Moxicongo .	36
Saudações .....	39
Súplica aos Inquices .....	41
Lágrimas dos Inquices.....	55
Sonetos .....	59
O Poder dos Sacrifícios e Sacodimentos no Moxicongo .....	63
Normas para os Iniciados nas Tradições do Candomblé Moxicongo nas Minas Gerais .....	65
Posfácio .....	67

## PREFÁCIO

Nilo Nogueira - Tata Kis'ange<sup>1</sup>

Prefaciар um trabalho é sem dúvida um presente. A primeira coisa que vem à nossa mente e nos impulsiona é a deferência do autor em nos permitir escrever sem o horizonte temporal que inicia e termina qualquer obra literária. Não temos a necessidade de esgotar o tema e muito menos dissertar sobre a obra, afinal, o assunto escolhido pelo autor estará alicerçado em seu conhecimento e/ou na sua mente criativa.

Tenho aqui o privilégio de escrever um pouco sobre a obra e mais ainda sobre o autor, que é meu pai. A obra deixarei que vocês, leitores, apreciem na narrativa simples e seguida, afinal, vivência e conhecimento não lhe faltam para faz-la. A vivência se inicia a partir do seu nascimento. Cresce, a partir dos seus primeiros passos rumo ao conhecimento natural proporcionado pelos ensinamentos familiares, escolares e naturalmente aqueles que o tempo nos mostra a partir das escolhas que fazemos. É assim a vida. O conhecimento vem com o estudo, pesquisa e vivência. Nesse sentido, mister se faz elencar pontos importantes dessa trajetória da chegada do Moxicongo nas Minas Gerais, que foram tão bem expostos neste livro, e como coube à **Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos'i** essa introdução.

A Umbanda, a partir de sua reinvenção no estado do Rio de Janeiro, em muito se assemelhava à maneira manifestatória dos seus antigos praticantes nas comunidades de terreiro e do culto às almas, praticado nas Minas Gerais. Estado com cultura e identidade próprias, Minas carregava o estigma do escravismo em suas terras. O lamento, como forma de expressão musical do negro escravizado se materializava em cidades como Ouro Preto, Sabará, Congonhas, entre outras, e mais tarde em Belo Horizonte. Era também o que já acontecia anteriormente na África, em especial na região do Congo-Angolês. De lá aprendemos a nos manifestar com dança

---

<sup>1</sup> Kivonda da Cabana Senhora da Glória – Nzo kuna Nkos'i. Filho biológico de Tateto Napanji.

ritimada e forma de cantar cadenciada. É este o corpo da Umbanda e esta é também a performance do Moxicongo.

A Cabana Senhora da Glória, fundada em 1961 e exatamente no dia 13 de maio, dia da abolição da escravatura no Brasil e dia dos pretos velhos, trazia no seu escopo institucional e identitário o respeito ao cristianismo. O nome do terreiro, Nossa Senhora da Glória, é o sincretismo de Iemanjá ou Dandalunda Kuketo Kaité com aquela santa católica. A Cabana também trazia seu respeito ao espiritualismo, na tradição umbandista, com o culto aos pretos velhos e caboclos, que se manifestam por intermédio de seus “cavalos”, que são os religiosos encarregados por sua incorporação. A casa era tradicional e muito conhecida. Seu líder era um homem de larga militância inclusiva e social, que, por meio de um programa dominical na então Rádio Jornal de Minas chamado “Ritmos de Umbanda”, levava ao ouvinte e adepto da religião afro-brasileira palavras de amor ao próximo e respeito às tradições. O destino, no entanto, reservava um outro grande trabalho para o meu pai.

Ninguém sabe porque um preto velho ou um caboclo, ou mesmo os exús de rua, se materializam nessa ou naquela pessoa. O que sabemos é que isso ocorre. Pai Guiné de Aruanda, nosso mentor espiritual e preto velho que, dentro de todo este mistério, escolheu a meu pai como seu cavalo, determinou que nossa casa e família se iniciasse nos mistérios do Candomblé. As duas religiões, contudo, não se confundiram. Irmanaram-se e se respeitaram, cada uma seguindo o seu processo. É isso que o livro nos mostra.

Sobre o autor, fico à vontade para escrever. Nelson Mateus Nogueira é um homem sábio. Simples, humilde, marido exemplar e honrado, grande pai de família, avô em todo seu esplendor, fiel e leal à sua fé e seus amigos. Justo no discernimento dos seus atos. Tateto Nepanji é tudo isso e ainda mais. Zelador atento e vigilante. Conhecedor profundo das suas raízes e cumpridor dos preceitos que o conduziram à sua iniciação, à iniciação dos seus filhos de santo ou *mona nkis'is* e um ser humano de conduta ilibada.

O grande poeta alemão Goethe disse um dia que o umbral é o local para uma pausa. Ele, como todo poeta, trazia a singeleza dos grandes mestres e a sabedoria dos iluminados. Não tenho como afirmar seu grau de espiritualização e nem

mesmo se em seu íntimo obedecia aos preceitos do cristianismo praticado na Alemanha de seu tempo. Um fato é que não estamos no umbral, mas a pausa é o grande segredo para avaliarmos tudo que vemos, ouvimos e fazemos. Aprendi isto com meu pai e ensinei para os meus filhos.

Prefaciando esta obra e falando do autor não tem preço. Basta agradecer a Nzambi o privilégio de ser filho dele e de Maria de Lourdes Nogueira – Mametu Mutunji. Quanto ao “Moxicongo nas Minas Gerais”, bem, apreciem-no e entendam o meu privilégio.

## PRÓLOGO: DE NELSON A NEPANJI

Guilherme Dantas Nogueira - Tata Mub'nzazi<sup>2</sup>

O Candomblé Moxicongo, conforme será exposto nas páginas deste livro, começou a entrar em Minas Gerais em 1966, a partir das determinações de Pai Guiné de Aruanda e do trabalho do meu avô, o Tateto Nepanji. A história angoleira e religiosa deste último, todavia, não começou com o Candomblé Moxicongo. O início se deu antes, via outras tradições, que para nós são familiares, que foram fundantes e estruturantes da Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos'i. O conhecimento desta história serve de suporte à compreensão deste livro e do Moxicongo nas Minas Gerais, pelo que, em poucas páginas e breves linhas, narro neste prólogo uma parte da biografia do meu avô.

Nelson Mateus Nogueira nasceu no distrito de Celina, município de Alegre, no Espírito Santo, no ano de 1930. Desde criança começou a apresentar manifestações de uma abertura espiritual incomum, pelo que, aos oito anos de idade, foi iniciado nos cultos da Cabula, antiga religião afro-capixaba, hoje inexistente em sua forma original – até onde sabemos – naquele estado.

A Cabula era praticada em Celina na forma de uma mesa, em torno da qual as/os religiosas/os se reuniam. No centro era colocada uma garrafa branca com água, que servia para fluidificar o ambiente. Como religião, existiu em diferentes locais do Espírito Santo, mas concentrou-se mais em São Matheus. Seus rituais eram secretos e, mesmo hoje, meu avô nada fala sobre como eram realizados. É sabido, não obstante, que era uma religião afro-ameríndia angoleira, que contava sobretudo com o português com corruptelas e com o quicongo como língua ritual – possivelmente também com outras línguas

---

<sup>2</sup> Ogan da Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos'i. Neto biológico de Tateto Nepanji. Doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília. Integrante do Calundu – Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-Brasileiras, vinculado ao Departamento de Sociologia da mesma universidade. Sua participação neste livro foi viabilizada com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

do tronco banto – e com a incorporação de espíritos superiores em alguns de seus praticantes, mormente caboclos, mas também pretos velhos<sup>3</sup>. Inquices<sup>ii</sup>, a depender da mesa, das/os religiosas/os reunidas/os e das/os líderes do grupo, também podiam ser incorporados. Eram chamados *baculos*. Os trabalhos eram conduzidos por uma liderança religiosa formada por um/a presidente e um/a vice-presidente de cada mesa. Em quicongo, a/o líder máxima/o era conhecida/o como *Engira*. Na Cabula, era a/o *Engira*, auxiliada/o por diferentes *Tatás*, que deixava a gira girar...

Meu avô foi iniciado na Cabula pelo senhor Joaquim Antônio da Silva, que então se tornou seu padrinho. Seu primeiro contato com a ritualística daquela religião e com a cultura religiosa angoleira, não obstante, deu-se em casa, junto às entidades de seus pais, os também cabuleiros Regina Nogueira de Abreu e Antônio Mateus Nogueira. Este último, meu bisavô, era um brasileiro afrodescendente nascido logo após a abolição da escravatura, filho de Eponina Nogueira e Faustino Mateus Nogueira, ambos moçambiquinhos, trazidos à força e escravizados ao Brasil, pelo horror do tráfico negroiro.

Aos doze anos de idade meu avô recebeu, sempre por meio das entidades da Cabula, a orientação de que deveria mudar-se para o Rio de Janeiro/RJ e aprender a Umbanda naquela cidade. Tratava-se de uma mudança de ciclo, necessária em seu destino nesta vida, e que se daria na então capital nacional. Com a idade que tinha, contudo, não era possível que a mudança fosse feita naquele momento, e a mesma ficou para quando completou 16 anos.

No Rio de Janeiro, então, em 1946, meu avô se iniciou na Umbanda. Naquele momento ele recebia o preto velho Pai Zeferino. Entidade antiga, que já quase não mais desce à terra,

---

<sup>3</sup> Algumas referências que faço à Cabula são oriundas de seu único relato etnográfico conhecido, realizado pelo bispo católico Dom João Batista Corrêa Nery, publicado em livro pelo médico baiano eugenista Raimundo Nina Rodrigues (RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os Africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Re-edição de texto de 1933). A grafia de alguns termos em quicongo aqui mencionados, como *Tatá* (com acento agudo no “a” da última sílaba – citado abaixo neste prólogo), é aquela do texto do bispo.

Pai Zeferino foi quem desenvolveu o jovem Nelson como médium. Dessa forma, a Umbanda foi uma grande escola na vida do meu avô.

Ainda no Rio de Janeiro, em 1950, meu avô conheceu minha avó, Maria de Lourdes Nogueira, com quem veio a se casar um ano depois. O companheirismo dos dois é uma etapa mais íntima da história de nossa família, que não cabe ser descrita ou comentada. Cabe indicar, todavia, que foi junto à minha avó que foi iniciado um terceiro ciclo central a este relato: sua mudança para Belo Horizonte/MG e a fundação da Cabana Senhora da Glória.

Neste ponto do relato devo retroceder em alguns anos na história, para apresentar dois detalhes simples, porém centrais à entrada do Moxicongo nas Minas Gerais: o primeiro é a mão de búzios de meu avô. Com dezoito anos, já residindo no Rio, meu avô foi a Celina visitar sua família. Encontrou-se, então, com seu padrinho cabuleiro Joaquim Antônio, que lhe apresentou com um jogo de búzios e lhe transferiu ritual a habilidade de jogá-los. Seu Joaquim lhe disse à época que o jogo só poderia ser usado pelo meu avô quando “sua igreja fosse aberta”, o que o jovem Nelson contestou que jamais aconteceria, porque “não queria ser padre”. Anos mais tarde, ao conhecer Mameto Oloiá, do terreiro do Bate Folhinha de Salvador, sua mãe de santo, ela se surpreendeu com o fato de que ele já era capaz de jogar búzios – algo impossível no Candomblé para não iniciados.

O segundo detalhe ao qual me retrocedo no tempo é marcado pelo envio de uma carta. Minha bisavó Regina, em 1951, escreveu a meu avô com um recado de Mãe Felisbina de Angola, sua preta velha. Ela lhe dizia que “novos horizontes se abririam” para ele. Esse recado foi central para que ele se mudasse para Belo Horizonte/MG e passasse, nesta cidade, a frequentar a Tenda Espírita Jesus Amor, terreiro umbandista em que foi designado vice-presidente.

Os horizontes seguiram se abrindo e em 1961, por determinação de Pai Guiné de Aruanda – preto velho indicado por Pai Zeferino para substituí-lo no caminhar afrorreligioso de meu avô – e junto a um grupo grande de médiuns, todos acompanhados de sua clientela, o adulto Nelson fundou a Cabana Senhora da Glória como terreiro umbandista. A partir deste momento, sempre junto a Pai Guiné, Nelson se tornou o

líder de “sua igreja”. E, alguns anos depois, iniciado no Candomblé por Mameto Oloiá, tornou-se Napanji. Com sua feitura na religião afro-baiana, iniciou-se um quarto ciclo para o meu avô. E se iniciou a chegada do Moxicongo nas Minas Gerais.

## INTRODUÇÃO

Ao iniciar este pequeno trabalho sobre o Moxicongo em Minas Gerais, o fiz com o intuito de destiná-lo aos participantes do Candomblé, religião afro-brasileira, que tem contribuído em muito com a felicidade de tantas pessoas. Estas, iniciadas ou não, com fê e dedicação têm podido levantar os olhos para cima e agradecer a Nzambi e aos inquices, pelo bem recebido.

Ao longo dos anos venho dedicando grande parte do meu tempo ao incansável trabalho espiritual e os inquices sempre jorram eflúvios de paz e compreensão sobre mim, para que eu possa empunhar a bandeira do Candomblé, sem esquecer as minhas primeiras professoras: a Cabula e a Umbanda. Nzambi fez com que eu conhecesse pessoas bonitas por dentro e por fora, que me impulsionaram a abraçar essa causa com respeito, amor e devoção.

Conheci minha Mãe de Santo, Helena Dias do Nascimento (Mametu Oloiá), juntamente com seu filho carnal, Domiense Pereira Amorim (Tata Mebandu), na década de 1960, quando então foram assentados os fundamentos candomblecistas em nossa casa, a Cabana Senhora da Glória, desde então também chamada de Nzo Kuna Nkos'ï. Mametu Oloiá e Tata Mebandu foram os fundadores do terreiro do Bate Folhinha, que iniciou suas atividades em 1954, na Fazenda Grande do Retiro e atualmente está no bairro Campina do Pirajá, Salvador/BA. Assumi com eles o compromisso solene de me dedicar ao Candomblé Moxicongo, tradição integrante da grande nação Angola. Hoje, graças ao embalço e orientação do inquice Nkos'ï, posso ver meus sonhos e trabalhos de toda uma vida realizados. Vejo o coroamento desta dedicação através dos meus filhos de santo e o sucesso de suas casas. Só alegria vêm me proporcionando.

Cabe aqui, nessa introdução, destacar as orientações recebidas daqueles que influenciaram e foram determinantes para todo esse processo. Quando deixei o Rio de Janeiro, já casado, e, segui para Belo Horizonte, busquei um centro espírita umbandista que pudesse frequentar e ampliar meus conhecimentos. Encontrei a “Tenda Espírita Jesus Amor” no bairro Concórdia, na Rua Itapeva 195, cujo dirigente era o senhor Geraldo Nepumeceno Araújo. No dia 13 de maio de

1952 iniciei minha trajetória naquela casa e recebia um preto velho chamado “Pai Zeferino Rei Congo de Angola”. Cheguei a ser vice-presidente daquela tenda quando no início do ano de 1954 meu mentor “Pai Zeferino Rei Congo de Angola” deixou uma mensagem com o cambono, sr. Moisés, dizendo que ele iria assumir uma outra missão no plano espiritual e que uma nova entidade viria nesse plano guiar os meus passos. Assim, no dia 13 de maio de 1954 o preto velho de nome “Pai Guiné de Aruanda” se manifestou e disse que a partir daquele momento seria ele o novo mentor espiritual da minha trajetória no plano terreno.

Permaneci naquela casa até o ano de 1961 quando, por determinação de Pai Guiné, a Cabana Senhora da Glória foi fundada. Ainda por determinação de Pai Guiné fui em busca da iniciação no Candomblé. Os primeiros passos foram dados próximo a Tancredo da Silva Pinto, autoridade impar do “Omolocô” e a Raimundo Caitumba, da nação Ketu, porem Pai Guiné indicou que minha iniciação não seria junto a eles. O conhecimento de ambos era inquestionável, mas hoje entendo o porque da não aprovação por parte do meu mentor. Fui então a Salvador, Bahia, onde conheci minha mãe Oloiá e seu filho, Tata Mebandu, e com eles iniciei as primeiras conversas. Depois de idas e vindas entre Salvador e Belo Horizonte, no dia 13 de maio de 1966 foram assentados os fundamentos da nossa casa e iniciou-se formalmente o Moxicongo nas Minas Gerais, já com a aprovação e benção de Pai Guiné de Aruanda, pois foram dele as ordens seguidas.

Com o falecimento de mãe Oloiá, em 1975, tive que carregar o peso da perda de uma pessoa querida e a dor que isso representa. Tive que procurar um ombro para encostar, chorar e pedir auxílio. Encontrei minha mãe Joana Maria da Conceição (Mametu Tulemburá), que deu continuidade às minhas obrigações com dedicação e zelo. Estivemos juntos em várias jornadas, quando então veio o segundo golpe, com o seu falecimento, em 1993. Novamente me coloquei a procurar outro ombro e, como que por encanto, vi-me nas mãos de minha Mãe-Pequena à época de Mametu Oloiá, Kota Tumbanda. De dezembro de 1994 até 2003, quando faleceu, entreguei a ela a missão de me orientar nas dúvidas e, com a luz dos seus conhecimentos guiar meus passos e minha cabeça para continuar cumprindo a minha missão aqui no mundo terreno.

Tudo isso me despertou a vontade de escrever e, assim, poder contribuir para que os irmãos da nação Angola compartilhem um pouco do conhecimento que tenho. Nossa nação, por longos e longos anos vem se mantendo fechada, mas algumas poucas coisas que ajudam a nós mesmos e ao público externo a nos conhecer melhor podemos compartilhar.

*Eis aí essas palavras iniciais.*



Reunião anterior à fundação da Cabana Umbandista Senhora da Glória, em  
1961



Reunião para a abertura dos trabalhos da Cabana Umbandista Senhora da Glória, em 1961



Médiuns da época da fundação da Cabana Umbandista Senhora da Glória (no detalhe, com a saia mais escura, Mameto Mutunji)



Sessão pública, no ano de 1961



Assistência, em sessão pública, nos primeiros anos da Cabana



Mameto Oloiá e Tata Mebandu, na Cabana, em 1972

Naturalmente tudo o que tenho a dizer é fruto de uma longa pesquisa que venho empreendendo desde 1951 e que, sem dúvida, a partir da minha iniciação nos mistérios do Candomblé, pude aprofundar mais. Não me cabe e nem é o meu intuito colocar para o mundo profano os sagrados fundamentos da nossa religião. Assim, dentro do possível e sem ferir ou profanar nossos segredos, apresentarei o que me foi permitido, sem fugir da ética e do respeito, quesitos necessários para o aperfeiçoamento da alma.

Quero externar profunda admiração à minha esposa, Maria de Lourdes Nogueira (Mameto<sup>iii</sup> Mutunji), Mãe Pequena da Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos'i e ao meu filho, Nilo Sérgio Nogueira (Tata Kis'ange), Kivonda da mesma casa. Também a Tânia, Henay e Gilson, meus filhos não iniciados, mas que, embora não façam parte direta da nossa nação, a respeitam e admiram, o que me deixa bastante recompensado.

Aos meus irmãos e irmãs de nação, o meu agradecimento, admiração e respeito.

Ao meu amigo e orientador Esmeraldo Emetério de Santana (Benzinho, Tata Kondiandembo, *in memoriam*) o meu mais profundo agradecimento, pois, sem o seu desprendimento e amor à nossa religião, eu não poderia realizar sequer a metade desse trabalho. Benzinho colocou a meu dispor todo o seu conhecimento e acima de tudo teve boa vontade, dedicação e carinho, proporcionando-me condições de completar este trabalho, que é um passo para a união da grande família do Candomblé Angola.

Aos meus filhos de iniquices, que as mãos de Nzambi vos cubram eternamente.

Finalmente, externo minha admiração às fontes consultadas que emprestam o conhecimento a todos e a mim em especial, que aqui coloco.

*Nzambi Kilaia Aderesê*

## **NOSSAS RAÍZES**

No ano de 1881, em Salvador, Bahia, nasceu Manuel Bernardino da Paixão (Tateto Ampumandeuza). Com o passar do tempo, Bernardino, já muito famoso, fundou o Candomblé Bate Folha, situado na Mata Escura, na fazenda Bate Folha, também em Salvador. Trata-se de um terreno repleto de árvores centenárias e o Bate Folha é considerado o maior terreiro do Brasil. Na época de sua fundação foi presenteado à Bamburusema, segundo inquite do Pai de Santo – o primeiro era Lemba. Bernardinho foi o Pai de Santo de Mameto Oloíá, iniciada em seu primeiro barco, e o Bate Folha é a casa mãe do Candomblé Moxicongo. No ano de 2016 completou cem anos de fundação. Para falar de nossas raízes eu não poderia deixar de citar a introdução da tradição Moxicongo em Minas Gerais.

Quando digo em Minas Gerais, faço-o pelo fato desta tradição somente ter vindo para o nosso estado, particularmente para Belo Horizonte, em 13 de maio de 1966, quando foram assentados seus fundamentos na Cabana Senhora da Glória - Nzo Kuna Nkos'i. A fundação desta casa é, no entanto, anterior a este momento. Foi fundada em 1961, na Rua Araras, nº 160, bairro Concórdia, e depois fomos para uma sede própria na Rua Mateus Leme, nº 12, bairro Ermelinda. Até a chegada do Candomblé praticávamos exclusivamente a Umbanda, em que me iniciei no Rio de Janeiro, em 1946. Antes disto me iniciei nos ritos da antiga Cabula, mas esta já é uma outra história...

A Belo Horizonte da década de 1960 era uma cidade ainda virgem em relação ao Candomblé. O que víamos era a mistura de um pouco de várias outras religiões afro-brasileiras, uma autêntica milonga. Obviamente não havia descrédito nisto, pelo contrário, era perfeitamente justificável pelas condições da época. Além disso, cada religioso procurava dar o melhor de si para o crescimento do universo das religiões de terreiro. De qualquer forma, nesse cenário a nossa casa teve uma participação efetiva na chegada e na consolidação do Candomblé no estado de Minas Gerais.

Com a minha iniciação, começou então um processo de desabrochamento de elementos até então ligados a Umbanda, para uma nova vida religiosa. Com isso, vários umbandistas escolheram o Candomblé Moxicongo como prática definitiva de

sua fé. A partir daí, outras pessoas foram iniciadas. E a Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos'i se tornou o templo onde Mametu Oloiá acolheu seus primeiros filhos de santo mineiros.



Família de sangue e santo: Maria de Lourdes Nogueira (Mameto Mutunji), Nelson Mateus Nogueira (Tateto Nepanji), Guilherme Dantas Nogueira (Tata Mub'nzazi), Nilo Sérgio Nogueira (Tata Kis'ange)





CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

Aos 09 dias do mês de maio de 2017, o Poder Legislativo da capital de Minas realiza Reunião Especial em reconhecimento às nações de religiosidade de matriz africana - Umbanda, Candomblé (Jeje, Angola e Ketu) e Omolocô - pelo resgate e preservação da identidade negra em Minas Gerais.

A religiosidade afro-brasileira está resgatada por meio das atividades da

*Cabana Umbandista Nossa Senhora da Glória*

traduzindo-se, dessa forma, em verdadeiros e autênticos territórios de luta e resistência negra.

  
**Vereador Arnaldo Godoy**  
Autor do Requerimento

## **CANDOMBLÉ – UMA DÁDIVA AFRO-BRASILEIRA**

Quando falamos de Candomblé, estamos falando de uma religião brasileira com raízes africanas milenares, que muito tem contribuído para a manutenção da fé de grande parte do povo brasileiro. O Candomblé chegou até nós através dos nossos ancestrais e sua beleza e realidade não se pode contestar.

A religião oferece aos participantes um visual coreográfico de esplêndida beleza, quer seja nas suas vestimentas ou em seu ritual.

A contribuição que o Candomblé tem dado ao nosso país vai desde a manutenção da fé religiosa, como também em divisas econômicas. Imaginem que para o Candomblé são vendidas inúmeras coisas que geram impostos, o que é uma contribuição muito valiosa, pois o país, como os demais, vive de arrecadações. E isto o Candomblé oferece, não só com os produtos de fabricação brasileira, bem como os produtos para o nosso uso. Sem falar na exportação que se faz para Portugal, Uruguai, Argentina, Paraguai etc.

Gerando impostos de importação e exportação, certamente estamos gerando empregos, e gerando empregos, estamos contribuindo para o pão de cada dia entre inúmeros irmãos brasileiros e estrangeiros.

*E a fé?*

A fé, quando a temos ordenadamente sem fanatismo, produz tranqüilidade e a tranqüilidade é uma das coisas mais importantes para o ser humano, o que temos que conservar para nosso bem-estar.

O mais importante é que o Candomblé, que foi outrora tão perseguido e difamado, é ponto de apoio de inúmeras pessoas de todas as camadas sociais. Poderíamos dizer que o Candomblé é uma religião de ricos e pobres, sem distinção da cor da pele, embora muitos digam que o Candomblé é religião de negros. Não estaríamos errados, pois nossos inquices/voduns/orixás são negros pelas suas raízes, mas também carregam o branco – que é a cor de Lemba – em suas

essências, que nos fortificam e nos conduzem para o bem comum, e aceitam filhos brancos.

O Candomblé possui saudações e linguajar próprio. Possui suas cores adequadas que servem para identificar cada inuice, de acordo com sua nação.

Quando os cultuadores da nação Angola saúdam ao inuice Nkos'ï, eles o fazem na certeza de que aquele elemento da natureza movimentará suas forças para a defesa de seus filhos, dentro de seus merecimentos. O mesmo ocorre quando se canta para todos os inuices, pois, através dos cânticos e rezas vai se criando uma atmosfera de paz e tranqüilidade geral.

Tem sido uma preocupação constante dos dirigentes dos terreiros de Candomblé criar, para seus seguidores e frequentadores, segurança viva para os dias presentes e futuros. O Candomblé nunca foi e nunca será uma religião de discórdia, conforme afirmam alguns fanáticos de algumas religiões neopentecostais mal orientadas. Estes vivem a nos combater, usando inclusive de informações que lhes são passadas por candomblecistas que não cumpriram devidamente os ensinamentos e preceitos que lhes foram passados pelos seus zeladores de santo. A insatisfação tomou conta de suas mentes doentias. Esquecem da caridade tão apregoada em suas reuniões, oferecendo sua ideia de salvação, como se fossem eles o verdadeiro Messias.

A prestação de contas se dará um dia, mas para isto teremos que pautar nossos atos dignamente, com a família, com a sociedade e com a religião, independentemente de qual seja ela. Nzambi, ao definir papéis neste plano, não determinou que a crença se daria através de uma bíblia na mão, com colares ou contas no pescoço, como é o nosso caso, e muito menos ajoelhado em uma igreja. A prestação de contas se dará sim, através de atos que dignifiquem a nossa alma e consciência e, o nosso procedimento deve ser correto e pacífico, pois somente com muito amor conseguiremos a verdadeira união de todos os candomblecistas e de todas as religiões.

A união, o trabalho, com o respaldo do amor, será sem dúvida nenhuma o maior *ngunzo* (força vital, axé) e somente pela força representada pela união de todos conseguiremos colocar o Candomblé em seu devido lugar.

## HIERARQUIA

Como em muitos aspectos da vida, aquele que hierarquicamente respeita o outro aprende muito mais. No Candomblé isto é ainda mais verdade. O respeito pelo mais velho de santo – sempre entendido como alguém de posto hierárquico mais alto – é a base fundamental de todos os ensinamentos.

Além disso, casas de Candomblé se estruturam a partir de diferentes cargos hierárquicos, sendo os mais altos em geral ocupados pelos mais velhos de santo. Em nossa nação<sup>iv</sup> os mais altos cargos são os do *Tateto Kuna Nkis'i* (Pai de Santo) ou da *Mametu Kuna Nkis'i* (Mãe de Santo). Haverá sempre apenas um Pai de Santo ou Mãe de Santo por terreiro, não havendo diferenciação hierárquica por gênero.

Abaixo do Pai de Santo ou da Mãe de Santo vêm os seguintes<sup>v</sup>:

- Kivonda: sacerdote auxiliar encarregado do sacrifício dos animais para os rituais sagrados;
- Kota Sororó: Mãe Pequena (esta também pode ser chamada de Nengua Kamukengui); ou Tata Kamukengui: Pai Pequeno. Substitui o Pai de Santo ou a Mãe de Santo em sua ausência, sendo também auxiliares de grande importância na liderança da casa;
- Kinsaba: o responsável pelas colheitas das folhas para os rituais secretos;
- Xikarangoma: o responsável pelas cerimônias da sala;
- Tata Kabondo: o responsável pelo toque dos atabaques, sendo considerado o maestro da orquestra do terreiro;
- Makota: a responsável por cuidar das necessidades dos iniques em terra e conduzi-los durante os rituais;
- Kafumberá: encarregada da cozinha. Cozinha na língua da nossa nação se traduz como kifumba;
- Kota: candomblecista que, tendo completado os primeiros sete anos de sua iniciação e recebido os direitos das mãos de seu Pai de Santo ou Mãe de Santo, poderá abrir sua própria casa de Candomblé;

- Muzenza (termo feminino) e Munanzenza (termo masculino): Iniciados com menos de sete anos de santo ou que ainda não deram sua obrigação de sete anos.

Faço minhas as palavras do médico e ocultista rosacruziano Reuben Swimburne Climer, autor do livro *Antiga Maçonaria Mística Oriental*. Busco estabelecer um paralelo entre seus ensinamentos e os ensinamentos das religiões com marcadas raízes em cultos tradicionais africanos (todas elas, especialmente as afro-brasileiras). Bem como as religiões que Climer estuda, essas também possuem sistemas de iniciação para transmissão de conhecimentos aos seus adeptos. Diz ele:

Entre os povos antigos havia um culto público e um culto secreto. O culto secreto não teve sua origem no Egito, mas sim na antiga Atlântica, passando em seguida para o Egito. O culto secreto foi sempre denominado “Os mistérios”, e, não há dúvida de que esses mistérios eram os mesmos em substâncias. Na filosofia religiosa, suas lendas e fundamentos eram os mesmos. Esses mistérios só eram conhecidos através da iniciação, e, os membros dessas ordens eram sempre conhecidos por sinais e símbolos.

Nossos irmãos em fé sabem que nossa iniciação tem caráter semelhante a esses, não em ritual e alegoria, mas sim na exigência da pureza de conduta. Nós acreditamos na existência de um deus supremo<sup>vi</sup> e eles também. Nós aceitamos e respeitamos a natureza como fonte geradora de energia, primamos pelo bem e pela paz, e eles também. Embora com linguajar e rituais diferentes, podemos dizer que assemelhamos a eles na manutenção dos costumes e tradições. Para nós, a hierarquia é ponto fundamental na conservação da nossa cultura religiosa. Não basta ser iniciado dentro dos segredos ou mistérios dos iniquos, o que precisamos é manter equilíbrio emocional, sinceridade e honestidade para com nossos irmãos e filhos, já que temos a dura responsabilidade de conduzi-los. Devemos, por isso, acima de tudo, conduzir em primeiro lugar a nossa vida e nossos atos para que os mesmos sejam

respeitados e possamos ser sempre motivo de orgulho junto a eles. Nossos procedimentos não podem contradizer o que pregamos. Nossa relação com terceiros deve ser honesta, pois se assim procedermos estaremos colaborando para a elevação da nossa religião e, ao mesmo tempo, agradando nossos iníquos. Eles são a sustentação da religião, distribuindo amor em forma de energia positiva. Nós somos os seus representantes aqui na terra e, para que eles sejam bem representados, nossos atos devem falar mais alto.

Finalmente, neste ponto do texto, urge fazermos um comentário a respeito da moralidade e sua prática a partir das religiões afro-brasileiras: a rigor, não há evidências de que cultos/crenças religiosas antigas dos mais diversos cantos do planeta pregassem moralidade/ética (moral e ética são regras, normas, vistas pelos gregos antigos e, na tradição ocidental, a partir deles, como necessárias para uma vida social virtuosa/do bem) ou que tivessem alguma preocupação com isso. Da mesma forma, na região africana da Iorubalândia, de onde vieram as tradições nagô-iorubanas (base do Candomblé Ketu), moralidade não era uma questão religiosa, mas de algumas sociedades político-civis organizadas, com assentos nos conselhos do Império de Oyó, por estes espraidas por todo o país. Essas organizações até tinham seus orixás patronos, mas não eram eles os guardiães da moral. No que tange à região congo-angolesa há menos livros escritos e sabemos menos detalhes, mas podemos indicar com segurança que tampouco eram os iníquos os guardiães da moralidade.

Moral e ética, como tais e no que afeta mais diretamente ao Brasil, são preocupações religiosas nas tradições judaico-cristãs, com os 10 mandamentos e a premissa do amar ao próximo<sup>4</sup>. E o Candomblé, como religião, herdeiro de cultos e culturas afro-ameríndias, assim como as demais religiões afro-brasileiras, com exceção da Umbanda refundada por Zélio de Moraes, é considerado uma religião amoral. Ou seja, que não tem preocupação com regras morais. Não quer dizer que pregue a imoralidade, pelo contrário, quer dizer que não tem regras sobre moral (moralidade, portanto, não é uma

---

<sup>4</sup> Há outras religiões contemporâneas que pregam explicitamente a moralidade, mas, pelo número de praticantes, são aquelas da tradição judaico-cristã as que mais influenciam o Brasil.

preocupação religiosa – deve ser uma preocupação social de cada iniciado).

A rigor, as regras do Candomblé são aquelas que dizem respeito às obrigações para com o santo e a comunidade de terreiro. Mas isso não é moralidade. Moral implica em seguir regras de conduta social, não religiosa, fundamentadas no princípio de fazer o bem, ser uma "pessoa de bem", seguir bons costumes, etc. No judaísmo e no cristianismo isso se torna religioso pela crença no céu e no inferno, em um deus que pune e castiga os pecadores, e salva os "homens de bem". Enfim, essas ideias não têm relação com o Candomblé. Em nossa visão, as pessoas devem ser boas a partir de seus próprios corações e consciências, sem depender para tanto da aprovação dos inquices.

A partir de nossas comunidades religiosas, rogamos, dentre outros, pela paz de Tateto Lemba, a justiça de Tateto Nzazi e o amor maternal de Mameto Ndangualunda. Pedimos pelas bênçãos de todos os inquices. Ensinamos a nossas filhas e filhos a nossa história de resistência e fé contra a crueldade que a violência colonial nos impôs. E nos orgulhamos de vê-las/os herdando nossa história e, com amor, levando adiante nossas tradições.

## **FORMAÇÃO DE FIÉIS E APERFEIÇOAMENTO PARA O CANDOMBLÉ**

O tema agora é a formação e o aperfeiçoamento dos fiéis. Trataremos aqui do médium iniciado e não do frequentador não iniciado nas tradições do Candomblé, pois são aos primeiros destes que estão entregues os destinos de nossa religião.

Sabemos que, por falta de conhecimento, muitas pessoas que seguem nossa religião, cometem erros por vezes infantis e que refletem diretamente em seus zeladores. Conseqüentemente, refletem também em outras pessoas bem intencionadas, que lutam dia e noite em favor da religiosidade que nos foi legada pelos nossos ancestrais, trazidos de tão longínquas terras africanas, conforme nos deram notícias nossos antepassados e antecessores. Aliás, eles nos têm prestado inúmeros benefícios, quer na palavra meiga de um preto velho, ou nos eflúvios benditos de nossos iníquices.

Torna-se necessário que examinemos as questões dentro de um terreiro. Neste local, é necessário que haja uma conscientização do que sejam equilíbrio emocional, tolerância e amor ao próximo. Essas são armas poderosas ao fim de nos aperfeiçoarmos e, dessa forma, criarmos ao nosso redor chamadas positivas de bem-estar, que automaticamente transmitiremos aos nossos irmãos de fé iniciados.

Dentro de um terreiro as inúmeras funções que desempenhamos com amor e carinho nos levarão um dia, diante de Nzambi, com a certeza da missão cumprida. Somos sempre procurados em nossos terreiros por fiéis que desejam saber se determinado irmão está demandando com outro irmão ou com ele próprio. Esquecem ou esqueceram estes irmãos que a demanda é tão ruim para quem envia como para quem recebe. Ambos saem perdendo. O que é necessário é que cada um procure melhorar seus atos e pensamentos. Demanda é um termo que deveríamos abolir. Nunca deveria ter chegado a existir. Destacamos a palavra “demanda” porque ela é muitíssimo usada nos meios mediúnicos. Mas a série de formação errônea para o mal-intencionado não para por aí.

Não será a demanda uma forma de inferioridade de quem a provoca e de quem a aceita? Seria melhor que não existisse

esse termo e nem o seu conceito fosse difundido. O melhor seria que pudéssemos substituí-lo por aprendizado correto.

Vamos treinar o perdão e pregar a não violência, pois, demanda é uma provocação. Quando deixar de existir os terreiros que aceitam demandas, teremos, por certo, maior número de irmãos e fiéis.

Após a injeção de ânimo poderemos nos preparar para a caminhada de paz e do progresso inoculado nas almas dos homens desviados da senda do bem comum.

A mediunidade a serviço da demanda não só é perigosa como não consta das Leis de Nzambi. É sabido que um médium galga gradativamente seu estágio de formação. Este médium, ao transpor os umbrais de nossa religião, traz consigo uma responsabilidade muito grande, qual seja a de respeitar e transmitir aos iniciantes seus ensinamentos. Como fazer isto se não houver uma formação e um aperfeiçoamento adequados?

O médium, mesmo ainda iniciante, deve saber pautar os seus atos e perdoar quando necessário. Existem inúmeros médiuns espalhados pelo Brasil, mas infelizmente muitos carecem de ensinamentos mais apurados, de orientação mais adequada para não causar problemas.

Vimos formando médiuns, por muitos anos, utilizando-nos da divulgação dos próprios benefícios obtidos nessa prática. Neste processo, tomamos conhecimento de inúmeros supostos Umbandistas ou Candomblecistas que foram agregando informações e realizando ações sem terem o conhecimento mais apurado das mesmas. Muitas vezes, esta falta de escrúpulos os fez deturpar os nossos objetivos, colocando-nos em ridículo diante da opinião pública.

É nosso dever seguir em frente, lutando pela qualidade e não pela quantidade. Precisamos separar o joio do trigo.

Agora meus irmãos e amigos, a parte mais terrível da formação sem base, e que ocorre de um modo geral em alguns Candomblés, é aquela em que alguns zeladores, com a vista voltada aos seus interesses particulares, apresentam-se como verdadeiros donos da sabedoria e da verdade. Criam novos médiuns em idênticas condições, predominando a falta de conhecimentos, numa verdadeira bola de neve que cresce sempre. Transformarão ou pretendem transformar, ou mesmo não se importam em transformar, nossa religião numa

verdadeira fábrica para fazer médiuns. Não existe preparação, exame e consciência. Existe apenas o fator econômico dando ordens. Esquecem estes zeladores que a hora da tapeação passou. Os nossos atos não passam despercebidos pelos nossos mentores, que são os inquices. Os inquices estão atentos àqueles que se esquecem de que o amor ao próximo é o princípio básico de todas as crenças religiosas.

Se ao Tata Kambondo cabe a proteção do terreiro, ao zelador cabe a responsabilidade de ser o conselheiro espiritual, não podendo fugir nunca à responsabilidade que assumiu. Ao trabalho de base e o discernimento do certo e do errado. O verdadeiro médium deve desconhecer o ódio e sua cartilha deve ser a caridade.

Quanto ao aperfeiçoamento só nos resta dizer que o médium consegue através da leitura de mestres bem escolhidos os melhores ensinamentos, que poderão e deverão ser aplicados à sua vida prática.

É preciso que nós, responsáveis pela formação de médiuns, sejamos sinceros e que façamos nossas obrigações dentro do rito de nossa fé, com amor e abnegação.

Devemos formar fiéis conscientes de seus deveres, caridosos em seus atos e verdadeiros líderes de seus grupos, sem o que não poderão substituir seus zeladores em nossa religião. Seremos nós, se assim não o fizermos os próprios culpados.

## COMO SÃO CHAMADOS OS INQUICES NO CANDOMBLÉ MOXICONGO

<b>Moxicongo<sup>vii</sup></b>	<b>Mais conhecidos no Brasil como...</b>
Njira	Exu
Nkos'í	Ogum
Katendê	Osain
Mutakalambô	Oxossi
Nzazi	Xango
Ns'umbu	Obaluaiê
Tingongo	Omolú
Kitembu	Tempo
Angorô	Oxumaré
Nvunji	Erê
Ngurucemanvula / Matamba	Iansã
Ndandalunda / Ndangualunda Kisimbi Keuamaza	Oxum
Angoroméia / Zinga Lumbondo (feminino de Angoro)	Oxumaré
Kaiari / Ndandalunda Kukuetu Kaité	Iemanjá
Nzumba	Nanã
Kas'uté	Oxalá guerreiro
Lembaranganga	Oxalá velho

Os africanos das várias etnias da região congo-angoleza (África Central), a exemplo de outras, ao serem trazidos ao Brasil pelo tráfico negreiro, trouxeram consigo a sua concepção de mundo, sua maneira de ver as coisas e sua religiosidade. O Candomblé nasceu no Brasil como um fruto desta herança e hoje ela está presente na sociedade brasileira. Ele parte do princípio que a natureza é a grande manifestação dessas divindades. Cada uma delas está relacionada com determinado elemento da Mãe Natureza. Dessa forma, fiz o resumo que segue, respondendo a pergunta: você sabia que?

- Que **Njira** é o grande agente mágico da natureza, trabalhando sob as ordens dos *nkis'is*, combatendo as larvas negativas que envolvem a humanidade?
- Que **Nkos'i** é o *nkis'i* encarregado de combater as demandas íntimas de cada um, abrindo os caminhos para os seres humanos em seu cotidiano, sendo também o deus do aço, ferro, estradas, militares e tudo o que representa perigo?
- Que **Katendê** é o deus das folhas, raízes e tudo o que representa a farmacopéia, pois, este *nkis'i* é o encarregado de fornecer as ervas para a cura dos males físicos, como também absorver através do sistema ecológico as influências negativas que vêm através da mudança do tempo?
- Que **Mutakalambo** é o deus da caça, tendo sob sua responsabilidade o elemento “ar” à procura das almas a serem encaminhadas a um mundo melhor, segundo o merecimento de cada um?
- Que **Ns'umbu**, é o deus da varíola, atuando positivamente nas doenças de pele, como também é o encarregado de curá-las? Existem mais dois *nkis'is* irmãos com as mesmas características: Ktembu (Tempo), o menino na adolescência, Tingongo o velho alquebrado, mas inteligente como os demais, consciente e seguro do seu poder.
- Que **Nzazi** é o deus da justiça, da inteligência, dos intelectuais, da sabedoria? Seu domínio está sob as grandes pedreiras. Em alguns casos pode ser evocado

para vencer demandas, desde que estas estejam alicerçadas pelas mãos justiceiras da lei.

- Que **Angorô** é o mensageiro de Nzazi? Deus do arco-íris. *Nkis'i* encarregado de trazer as águas do céu para a terra e levá-las de volta no momento oportuno. Esse *nkis'i* é o intermediário entre o céu e a terra, formando a aliança da sabedoria e do amor universal.
- Que **Nvunji** é a apresentação infantil, o símbolo da inocência? Nvunji é o *nkis'i* que sempre aparece para trazer paz e calma às Muzenzas e Munanzenzas.
- Que **Ngurucemanvula**, é o *nkis'i* das ventanias e deusa dos mortos (Nvumbi), encarregada de dar proteção aos espíritos desencarnados, desde que estes tenham cumprido fielmente seus deveres, para que os mesmos não caiam em mãos de espíritos inferiores tentando desencaminhá-los, atraindo-os para os mundos inferiores.
- Que **Ndangualunda** é a deusa do amor e da sabedoria, da beleza, meiga e carinhosa? Sua cor preferida é o amarelo ouro, sendo perfeitamente justificada esta preferência, pois ela domina também as riquezas do subsolo, sendo válida a afirmação de que Ndangualunda é a protetora de Minas Gerais.
- Que **Kaiari** é a deusa das águas salgadas? É a mãe pura e perfeita. Domina a prata e as pérolas, tendo também predileção pelo azul e branco.
- Que **Nzumba** é a deusa de todas as águas, a avó carinhosa e amorosa, domina as ruínas e mangues, fornece energia fluidica para eliminar as larvas negativas de nossos pensamentos? Está sempre disposta a embalar e acalentar seus filhos, dando-lhes energia para viver.
- Que **Kas'ute**, juntamente com Lembaranganga representam a pureza?

## SAUDAÇÕES

### Saudando os presentes no barracão

Jontondondô jontondondô  
 Tondondô tondondô  
 Tondondô lêlê mambuko  
 Tondondô lêlê mambuko  
 Ao abanto aossi  
 Konzondiô

### Pedindo dinheiro

Dimbanda ngunzu ngunzu  
 Um zimbo mona mouku  
 Unsekêreme Kalunga

### Saudação aos inquices

Nkos'í	Lê Mambuku Nkosi Amkumbi Komo Luanda Lê Mambuku Angandi Lê Mambuku Nkosi Amkumbi
Katendê	Lê Mambuku Katendê Damis'andalunda
Mutakalambô	Lê Mambuku Mutakalambo Burungunzo
Nzazi	Lê Mambuku Nzazi Sakarumbi Kurumbimbi
Ns'umbu	Lê Mambuku Nsumbo
Tingongo	Lê Mambuku Tingongo Lê Mambuku Kavungu Ankolo Diamungongo Nsumbo Ankondi
Kitembu	Lê Mambuku Kitembu Diambanganga Kaitê

	Kindimbanda Kukuêtu
Angorô (Hongolo)	Lê Mambuku Hongolo Matuto Manvula
Angoromeia	Lê Mambuku Angoromeia Keazandomeia Kissimbi Kea Meian
Ndangualunda	Lê Mambuku Danda Lunda Kissimbi Kea Meian
Angurucemanvula	Lê Mambuku Angurucemanvula Kava Karamutukua Simbarangunzo Diabangunzo Konde Kô
Kaiari	Lê Mambuku Kaiari Kis'imbi Kea Meian
Nzumba	Lê Mambuku Gangazumba Kibuko Assobá
Kas'ute	Lê Mambuku Kas'ute Lemba
Lembaranganga	Lê Mambuku Lemba Lembaranganga Fulaman

#### Observação:

Para saudar o inquite Individual, ou seja, de cada pessoa, se souber o nome dado na sala, fala-se: "Lê Mambuko e acrescenta-se o nome".

## **SÚPLICA AOS INQUICES**

### Meu Pai Nkos'ï

Ajuda-me a vencer as demandas sem ferir os meus irmãos.

Ajuda-me a olhar os meus semelhantes sem a ostensiva vaidade.

Ajuda-me a meditar sem desviar os meus pensamentos da verdade e do amor.

Ajuda-me a acreditar em Nzambi, sem exigir que ele ajude somente a mim.

Ajuda-me a caminhar pela vida afora, sem servir de empecilho aos meus semelhantes.

Ajuda-me a construir no trabalho honesto a base para o meu crescimento espiritual e material.

Ajuda-me a examinar a minha consciência, para eu não criticar os atos de meus irmãos aqui da terra.

Ajuda-me a pensar acertadamente, para eu não errar pensando mal dos outros.

Ajuda-me a estender as mãos a aqueles que têm fome, colaborando para amenizá-la.

Ajuda-me a agasalhar aqueles que têm frio, mesmo que seja com o calor humano.

## Meu Pai Katendê

Ajuda-me a extrair de vossas folhas o bálsamo sagrado para amenizar minhas dores e as do meu semelhante.

Ajuda-me a usar vossas folhas somente para o bem sem lançar mão dos poderes que elas possuem para prejudicar o meu próximo.

Ajuda-me a implorar a vossa presença somente em momentos de necessidade, sempre com humildade e o coração voltado para a onipotência.

Ajuda-me a sentir nas flores de vossas árvores o aroma maravilhoso que é vossa presença.

Ajuda-me a saudá-lo nas matas como saudarei a Nzambi em meu coração.

Ajuda-me a ver em cada folha uma dádiva da natureza.

Ajuda-me nas jornadas, e que jamais eu me perca nas matas escuras da vida.

Ajuda-me a sentir na sabedoria tosca de uma árvore, uma partícula da sábia natureza.

Ajuda-me a descansar debaixo de vossa proteção, como se estivesse deitado debaixo da mais frondosa de todas as árvores.

Ajuda-me Senhor Katendê, a aprender com a vossa sabedoria, a gozar de vossos ensinamentos e sentir a pureza de vosso amor.

## Meu Pai Mutakalambo

Ajuda-me a ver nas folhas de suas matas, o verde sagrado que representa vida.

Ajuda-me respeitar a natureza como fonte criadora e geradora de minha vida.

Ajuda-me a sentir nos eflúvios benditos de vossa pureza o ar puro para os meus pulmões.

Ajuda-me a não devorar os animais, nossos companheiros da natureza, e, que são nossos irmãos em formação.

Ajuda-me com seu arco e sua flecha, para que eu encontre somente o bem, e que o mal eu deixe ao julgamento do Pai Celestial.

Ajuda-me a usar os verdes das folhas, como símbolo de esperança para as almas cansadas.

Ajuda-me a ver nos meus irmãos de nossa religião, um verdadeiro irmão e nunca um empecilho para os atos de egoísmo.

Ajuda-me a andar pelo mundo, confiante em vossa proteção, pois estando eu amparado por vós, jamais perecerei.

Ajuda-me a ver em Nzambi o único capaz de nos receber em seu seio bendito, sem olhar a cor de nossa pele.

Ajuda-me a fazer todos os dias um exame de minha consciência, para que eu melhore os meus instintos gradativamente.

### Meu Pai Nzazi

Ajuda-me a encontrar nas vossas pedreiras, um meio para burilar a minha alma.

Ajuda-me a encontrar em vossa justiça, o equilíbrio para meus atos.

Ajuda-me a caminhar pela vida sem causar danos morais ou materiais aos meus irmãos.

Ajuda-me a entrar em vosso reino com o coração cheio de luz alcançado pelos meus atos.

Ajuda-me a levantar o vosso machado somente para cortar as iniquidades do meu caminho.

Ajuda-me a criar dentro de mim uma muralha de sabedoria.

Ajuda-me a invocar o vosso nome somente para defender-me, e usá-lo a favor dos outros.

Ajuda-me a ser melhor todos os dias e fazer jus a vossa justiça.

Ajuda-me a bater a cabeça aos vossos pés com o coração voltado para vossa sabedoria.

Ajuda-me a encontrar em vossos filhos, um amigo sincero como é sincera a vossa sabedoria.

### Meu Pai Ns'umbu

Ajuda-me a curar das mazelas da vaidade.

Ajuda-me a encontrar o líquido sagrado que cura as mazelas da humanidade.

Ajuda-me a descobrir as mazelas da alma, pois as do corpo entrego a vós e elas serão curadas.

Ajuda-me a ver no irmão ferido o meu verdadeiro irmão e nunca com indiferença pela sua dor.

Ajuda-me a ver nas flores que desabrocham uma dádiva de vossa luz.

Ajuda-me a meditar em favor dos que sofrem, buscando em vós o bálsamo consolador.

Ajuda-me a usar a pipoca com o devido respeito que o lavrador semeia o milho.

Ajuda-me a pensar acertadamente, para eu não errar pensando mal dos outros.

Ajuda-me a usar o dendê sem derramar o suor das fadigas da vida.

Ajuda-me a entender que em vossas peregrinações curaste a todos sem olhar para trás.

Ajuda-me a ver em São Lázaro, a perfeita imagem de um amor cristão.

## Meu Pai Kitembu

Ajuda-me a encontra-lo em todos os lugares.

Ajuda-me a ver em vosso poder paciente a beleza de nosso criador.

Ajuda-me a deslizar pelo mundo a fora, alegre e salutar para saber quanto tu és bom e tolerante.

Ajuda-me e ampare-me para que eu não caia nas mãos dos corruptos.

Ajuda-me a construir o templo da sabedoria dentro de mim, e dele poder usufruir humildemente.

Ajuda-me a vencer os meus perseguidores sem bloquear a sua passagem para o progresso.

Ajuda-me a ver em toda a natureza a vossa sagrada presença.

Ajuda-me a acreditar em vós porque sem vossa presença nada se realizará.

Ajuda-me a utilizá-lo na hora certa e a descansar também na hora certa.

Ajuda-me a deitar debaixo do pé de seu cajueiro, e a sentir a beleza das folhas puras da natureza.

## Meu Pai Angorô

Ajuda-me a banhar em suas águas sem me afogar.

Ajuda-me a encontrar dentro de vossa inspiração o lenitivo para as minhas dores.

Ajuda-me a caminhar na estrada da vida sem prejudicar o meu próximo.

Ajuda-me a cumprir os meus deveres dentro dos ensinamentos dos iníquos sem revolta ou vaidade.

Ajuda-me a olhar o firmamento com a cabeça erguida pelo bem praticado.

Ajuda-me a criar dentro de mim, uma muralha de amor e respeito para com todos os seres.

Ajuda-me a contemplar a noite, como um meio de descanso para a minha alma.

Ajuda-me a meditar nas tuas cores formando um clarão divino na minha imaginação e torná-la real.

Ajuda-me a livrar da prepotência, das ciladas dos meus inimigos e da traição visível ou invisível.

Ajuda-me com a mensagem sagrada, que ao vir do alto céu, me encontre à tua espera.

### Minha Mãe Ngurucemanvula

Ajuda-me a usar a vossa esperteza sempre na direção do bem.  
Ajuda-me a usar a ventania que emana de tuas mãos como  
bálsamo consolador para a nossa vida.

Ajuda-me a usar o teu leque para abanar as iniquidades do  
meu caminho.

Ajuda-me a pensar em ti, como o filho sedento de amor pensa  
na mãe, com a certeza de que vai encontrar carinho.

Ajuda-me a ver o vosso habitat, como a sagrada morada de  
descanso e paz.

Ajuda-me a ver em vossa dança a verdadeira terapia da alma.

Ajuda-me a usar as folhas de vossos fundamentos, sempre  
para fazer o bem, e nunca contra meus irmãos aqui na terra.

Ajuda-me a usar o chicote para espantar as almas  
perturbadoras e encaminhá-las para uma aprendizagem.

Ajuda-me a ver em cada irmão um companheiro de trabalho  
edificante e nunca um adversário sem escrúpulos.

Ajuda-me a entoar os teus cânticos, com o coração voltado  
para vós, pedindo paz para o mundo inteiro.

### Minha Mãe Ndangualunda

Ajuda-me a buscar na suavidade de teus movimentos o bálsamo consolador para toda humanidade.

Ajuda-me a encontrar na meiguice de teu amor, a verdadeira tolerância para os meus atos.

Ajuda-me a banhar em teus rios, com o devido respeito ao sagrado Templo da Mãe Natureza.

Ajuda-me a contemplar tua beleza, como a Virgem Mãe contemplou seu Bendito Filho ao nascer.

Ajuda-me a usar tua riqueza em favor de meus irmãos desprotegidos da sorte.

Ajuda-me a sentir que o vosso silêncio é uma advertência para os seus filhos, pois o silêncio envolvido pelo amor vence todos os obstáculos.

Ajuda-me a trabalhar todos os dias com o pensamento voltado para o bem.

Ajuda-me a ver em teus movimentos uma fonte magnética que irradia paz.

Ajuda-me a ver em teus passos uma mensagem de amor e esperança.

Ajuda-me a ver que no teu amor eu encontro paz, em tua sabedoria encontro ensinamento e em tua alegria encontro descanso.

### Minha Mãe Kaiari

Ajuda-me a vê-la como uma verdadeira mãe que embala seus filhos sem nada exigir.

Ajuda-me a ver no mar tua moradia, como um harmonioso palácio, onde somente as verdadeiras rainhas podem morar.

Ajuda-me a ver as pérolas de tuas mãos, como verdadeiras estrelas que clareiam todos os caminhos.

Ajuda-me a invocar teu nome somente em favor da humanidade.

Ajuda-me a sentir nos teus cânticos uma verdadeira oração que enche nossas almas de esperança.

Ajuda-me a andar pelo mundo, sem afogar no oceano de iniquidade.

Ajuda-me a ver em cada irmão a semelhança de Deus, e em cada dia da semana, o surgir de mais uma oportunidade que Deus nos oferece de praticar o bem.

Ajuda-me a trabalhar ininterruptamente na construção do templo da sabedoria.

Ajuda-me a sentir em teus movimentos representados pelas ondas do mar uma descarga fluídica em meu corpo.

Ajuda-me a ver no pescador que todos os dias busca o sustento usando seu barco e sua tarrafa, como um colaborador anônimo.

## Minha Mãe Nzumba

Embala-me em teus braços para que eu sinta a tua presença.  
Ajuda-me a trilhar o caminho da aprendizagem espiritual por escolhido, sem cometer delitos que venham a causar prejuízos aos meus irmãos.

Ajuda-me a caminhar com a cabeça erguida e que nos momentos de indecisões, possa encontrar em vós a avó, a mãe e a orientadora.

Ajuda-me para que eu veja em cada irmão a existência de Nzambi, e a cada um eu possa dispensar, pelo menos, uma palavra de conforto e carinho.

Ajuda-me a fazer do meu trabalho um templo capaz de produzir somente a paz.

Ajuda-me a desvestir o manto da vaidade, e vestir a luva da pureza.

Ajuda-me a trabalhar para burilar a pedra bruta que sou transformando-a num verdadeiro diamante.

Ajuda-me a levar avante o que me propus a realizar em favor dos que sofrem.

Ajuda-me para que as primeiras palavras dirigidas àqueles que se encontram junto de mim, sejam de ânimo.

Minha adorada Nzumba (Mãe Burukê), eu confio em ti e sei que todos os dias de minha existência tu estarás olhando-me.

### Meu Pai Kas'uté

Ajuda-me a caminhar amparado pelo vosso amor e defendido pelo seu bastão.

Ajuda-me com o seu capacete cobrindo-me a cabeça e os ombros, trazendo-me orientação e paz.

Ajuda-me permitindo que no convívio com meus irmãos eu esteja sempre com o coração voltado ao desejo que todos sejam felizes.

Meu Pai, que a sua cor branca com a pequena listra vermelha possa representar o sangue que corre em nossas veias, para que tenhamos vida, sempre confiando que vosso amparo é necessário para todos os seus filhos.

Muito obrigado pelo amparo que o senhor dá a toda a humanidade.

### Meu Pai Lembaranganga

Ajuda-me a sentir a tua presença em todos os momentos de minha vida.

Ajuda-me a criar dentro de mim um potencial de esperança.

Ajuda-me a prosperar no campo espiritual e material, e que qualquer que seja tua ajuda, eu dívida também com aqueles que sofrem.

Cubra-me com proteção, e que ao raiar dos dias, eu veja o sol a brilhar como se estivesse sorrindo pela minha vitória.

Ajuda-me quando ao chegar a tarde, eu tenha a roupa molhada de suor pelo trabalho realizado e que ao chegar a noite, eu veja a lua brilhando e sorridente pela vitória que consegui.

Ajuda-me a ver nas estrelas as minhas irmãs mais altas, de mãos dadas para me proteger.

Ajuda-me para que os projetos por mim idealizados encontrem apoio no ceio das Divindades.

Abra as portas da sabedoria, o caminho da perfeição e o templo do amor.

Não permita que eu tenha inimigos, mas que eu possa criar e manter verdadeiros amigos.

Conduz-me Pai, para a estrada da perfeição, para a morada da alegria e para o templo da fé.

## Súplica aos Nvunjis

### *Crianças iluminadas do céu*

Dupai Maior - não deixe que as criancinhas  
lá da terra fiquem sem escolas.  
Nem fiquem sofrendo a pedir esmolas.  
Não deixe que os Dupais Menores  
Fiquem sem trabalho.  
Único meio que eles têm,  
Para sustentá-las.  
Não deixe que tantas criancinhas  
morram por falta de alimentação,  
remédio e agasalho.  
Não deixe que as águas sujas  
das favelas intoxiquem  
Tantas criancinhas  
Por falta de urbanização.

Dupai Maior - incute na cabeça dos Dupais Menores  
que o Menino Deus nasceu  
para salvar o ser vivente  
e porque só no Natal  
A criancinha pobre  
dele recebe presente?  
Veja, Dupai Maior, um dia desses...  
voamos... voamos para o mundo  
e vimos uma Mãezinha chorando  
com um desgosto profundo,  
pois seu único filhinho  
não teve mais apetite,  
E, em seguida, morreu  
de gastroenterite.

Dupai Maior - oriente ao Dupai Menor  
que ao mundo governa  
para que o mundo de hoje  
não seja mais uma caverna.  
E que aquele Dupai encontre soluções  
Levando amor e paz aos pequeninos corações.

## LÁGRIMAS DOS INQUICES

Os inquices choram  
Ao verem o mundo crescer  
Por verem tanta maldade  
Sem saber o que fazer.

**Nkos'i** a derramar lágrimas  
Por ver tanta menga a correr  
Diante de tanta guerra  
Ele não sabe o que fazer  
Ele não entende o porque de tantas demandas  
O homem a brigar não sei porque  
Diante de tantas maldades  
Ele a bradar reclama  
Glorioso Nzambi: Fazer o que?

**Katendê** dono das folhas  
Vive sempre a lamentar  
Da maneira que o mundo está  
Minhas folhas vão acabar.  
Não se respeita mais nada  
Não se pensa mais em harmonia  
Coitado do nosso mundo  
Estão acabando com a ecologia.  
Matas e matas devastadas  
Lagoas e rios a secar  
Coitado dos animais  
Não terão onde pastar.

**Mutakalambô**, o caçador  
suas lágrimas derramou  
Seus filhos sofrem até hoje  
Pelas matas que o fogo queimou.  
Quantas vezes ele caçava  
Para seus filhos alimentar  
E hoje ao ver a terra sem matas  
Seu consolo é soluçar.  
Os animais fogem apavorados  
Ao verem as matas a queimar  
Mutakalambô vendo as maldades

Seu consolo era chorar.

**Tingongo** um velho cansado  
suas lágrimas enxugava  
usando a palha da costa  
pelos filhos que tanto amava.  
Na sua casa de palha  
procurando solução encontrar  
para acabar com os sofrimentos  
e seus filhos parar de chorar.  
Transformou o milho em flor  
Transformou a tristeza em alegria  
Implorando ele bradou  
Não acabe com a ecologia.

**Kitembu** ficando isolado  
pois, queria sua máquina parar  
transformou-se em ventania  
e começou o fogo soprar.  
O pior de tudo isso  
é que a chuva não caía  
Quanto mais Kitembu soprava  
Mais a fumaça subia.

**Kitembu** resolveu  
Uma solução tomar  
Buscou a chuva bendita  
Para não ter que chorar.

**Nzazi** com sua machada  
dando ordens e esbravejando  
Com sua pose de rei  
Sentado na sua pedreira  
Pela boca vai trovejando.  
Escrevendo e ditando leis  
Suas lágrimas vai derramando  
Em forma de reclamar  
Em forma de raios e coriscos  
Nzazi está soluçando.  
Escuta-se no mundo inteiro  
Sua forma de reclamar

Ele não tem muitas esperanças  
da ira do homem aplacar.

**Angorô** o Glorioso

Em arco-íris se transformou  
Trazendo a chuva bendita  
Não parecendo que chorou.  
Mais tarde o sol brilhante  
toda terra aqueceu  
Mesmo assim Angorô chorou  
pelos filhos que sofreu.

**Ngurucemanvula** toda radiante

Formosa bonita e dengosa  
armou uma tempestade  
Pois também ficou chorosa.  
O que ela não queria  
Era ver seus filhos lamentar  
Pelo imenso calor do fogo  
Que as matas estavam a queimar.  
Memo assim tão linda  
Chorando com tanta dor

Porque na terra de **Nzambi**

Não tratavam seus filhos com amor?

**Ndangualunda** a deusa do amor

Tentava a todos consolar  
Com seu leque de ouro  
Tentava as lágrimas enxugar  
Depois de muito tempo  
começou a meditar.  
Se os homens não amam o mundo  
Porque tenho que chorar?

**Nzambi** criou o mundo

e para os homens entregou  
Nem vendo tantas guerras  
O coração do homem chorou.

**Kaiari** no seu palácio

Com suas sentinelas a lhe guardar

Mesmo debaixo do mar  
Ela teve que chorar.  
Chorou por ver tanta miséria  
no mundo que ela banhou  
regando-o com água salgada  
Aí Kaiari chorou.  
Chorava, chorava e chorava  
sem saber para quem apelar  
aí uma luz apareceu

Era a luz de **Lemba**  
Que veio lhe consolar  
Para não vê-la chorar.

**Nzumba** velha e cansada  
pelo peso de sua idade  
respondeu sabiamente  
Sem demonstrar vaidade  
Enquanto o homem não pensar  
Que coisa boa deve construir  
Nem mesmo nós os iníquices  
faremos o mundo sorrir  
Agora quando as guerras acabarem  
Voltará a paz na terra  
A terra será um planeta sem dor  
Em cada semblante se notará  
A irradiação do amor.

**Lembaranganga** abriu suas mãos  
E começou a gesticular  
A minha missão na terra  
É não deixar os filhos chorar  
E veio trazer a paz  
Ele veio trazer o amor  
Ele veio acalentar  
Aqueles que choram de dor.

## SONETOS

### Doce Mãe

Doce Mãe  
 Que me trouxeste ao  
 mundo  
 Que me fizeste sorrir  
 E que me fizeste dormir

Doce Mãe  
 Que me acalentou  
 Me amamentou  
 E que sempre me amou

Doce Mãe  
 Que me deu conselhos  
 Que me orientou  
 Que me fez chorar  
 Quando Deus a levou

Doce Mãe  
 Que choravas  
 Para me fazer sorrir  
 Quantas vezes cantou  
 Para me fazer dormir

Doce Mãe  
 Você me deixou  
 Sozinho no mundo  
 Sem pelo menos  
 Saber o que fazer  
 E hoje,  
 Eu vivo chorando  
 Pedindo a Deus  
 Para ter novamente você

Doce Mãe  
 Até hoje eu choro  
 Até hoje eu reclamo  
 Dentro deste triste coração

Que no meu peito bate  
 Sem saber por onde  
 Encontrar uma solução

Doce Mãe  
 Seus netos cresceram  
 E vivem a me perguntar  
 Porque não lhe conheceram  
 Doce Mãe  
 Eu não tenho resposta  
 Para seus netos dar  
 E na calada da noite,  
 Doce Mãe,  
 O que me resta é chorar.

Doce Mãe  
 Eu sonhei que você  
 Estava me dizendo:  
 Não chores meu filho,  
 Estou pedindo a Deus  
 Que não lhe deixe chorar.

## Os Escravos

Os pretos rezavam de noite  
E trabalhavam de dia  
Suplicavam ao nosso Zambi  
Por isso eles não dormiam

Os pretos cantavam  
Os pretos choravam  
Agüentando as chibatadas  
Que os feitores lhes davam

Mas um dia a Princesa  
branca  
As rezas dos negros ouviu  
E libertou todos os escravos  
Aí o jongo do Sinhô caiu

Quantas vezes mãe preta  
chorava  
Suplicando caridade  
E suas lágrimas eram  
enxugadas  
Com castigo e chibatadas

Quantas vezes os negrinhos  
Nas penas dos senhores  
enrolavam  
E os senhores como carinho  
Os pobres negrinhos  
chutavam

Os negrinhos tinham que  
aprender  
Que não eram iguais ao  
sinhozinho  
Somente os meninos  
brancos  
Tinham direito a carinho

Os negrinhos não sabiam  
Porque tanta crueldade...  
E no coração dos senhores  
Só existia ódio e maldade.

## O Negrinho

Quantos brancos a Preta  
Velha  
Em seu seio amamentou  
Mas não era chamada de  
mãe  
Pelo filho que a renegou

Com o filho do branco no  
colo  
E com seu negrinho no  
chão  
Enquanto o branco nela  
amamentava  
O negrinho beijava-lhe a  
mão

O negrinho era abandonado  
Pois, não tinha sangue real  
O que ele não entendia  
Era o porque de tanto mal

O negrinho ia crescendo  
Para ser escravizado  
Maltratado e escorraçado  
Igual a um cão danado

No dia que foi liberto  
O negrinho ficou apavorado  
Não tendo para onde ir  
Nem de homem era  
chamado.

### Preto Mensageiro da Fé

O branco sentia repulsa  
Pelo preto asqueroso  
Hoje o branco na Umbanda  
Chama o preto de milagroso

Serve como cavalo  
Utilizando o seu valor  
O preto velho tudo  
esqueceu  
E trata o branco com amor

O preto não guardou ódio  
Do branco que o renegou  
Perdoando as chibatadas  
Muitos brancos o preto  
curou

Com suas folhas e raízes  
Vai ao branco ajudando

Com suas rezas e  
mandingas  
Aos brancos vai sempre  
amando

Com sua língua enrolada  
Seu coração a pulsar  
Sempre nos aconselhando  
Ao próximo amar

Nunca vi coisa igual  
E tanta filosofia  
Em vez de guardar ódio  
Ele nos olha com alegria

Vamos seguir o exemplo  
Do preto lá da Guiné  
Ele é um curador  
E o mensageiro da fé.

## **O PODER DOS SACRIFÍCIOS E SACODIMENTOS NO MOXICONGO**

Verificamos que muitas vezes os trabalhos de magia executados pelos praticantes de nossa religião costumam ser feitos aereamente, sem o devido conhecimento do valor de cada material. Corre-se inclusive o perigo que pode representar o uso de animais levados ao sacrifício sem o devido cuidado e exame correto da condição física dele, ou seja, se o mesmo está em perfeito estado de saúde. Como poderíamos sacrificar um animal se o mesmo está doente ou atrofiado?

O mesmo acontece com o uso das folhas, que devem ser usadas em perfeito estado. Deve-se da mesma maneira usar animais sadios.

O que procuramos é produzir efeitos positivos para o consulente, que ao confiar o seu problema à nossa apreciação, espera que tenhamos por ele o necessário respeito e atenção pela confiança em nós depositada. Extraímos o sangue dos animais, que é vermelho – bem entendido o sangue é vermelho – e representa ou simboliza igualmente um poder de realização. Não só o sangue vermelho menstrual, genitor do qual são concebidos os filhos, mas também o sangue vermelho força de realização, o sangue que circula e que dá vida e individualiza.

Quando usamos três cores de tecidos nos sacodimentos, o vermelho na nossa concepção representa a vida, a energia e a força; o preto representa neutralidade que certamente neutralizará os efeitos ou fluídos negativos, certamente existentes com a pessoa cujo trabalho ou sacodimento está sendo realizado; e o branco representa a existência genérica. Como também é usada folha para tal trabalho, essa também representa vida ou neutraliza os efeitos negativos, por ser ela portadora do sumo que simboliza o preto, ou sangue preto.

Disse Juana Elbein no livro *Os Nagôs e a Morte*, que o sangue das folhas traz em si o poder que nasce, advém abundantemente e é um dos axês mais poderosos. Em “combinações apropriadas elas simbolizam qualquer ação ou ritual; daí a necessidade constante de seu uso”. É preciso muito cuidado com o uso das folhas. Elas pertencem a Katendê

na nação Angola. Seu uso poderá ser benéfico ou perigoso se não forem usadas adequadamente e, como cada caso é um caso, todo cuidado é pouco.



Gongá da Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos'i

## **NORMAS PARA OS INICIADOS NAS TRADIÇÕES DO CANDOMBLÊ MOXICONGO NAS MINAS GERAIS**

Certa vez li em um livro intitulado “Maçonaria Mística” e extrai do mesmo uma verdadeira lição de bom comportamento, que poderá ser seguido e adaptado à nossa religião.

Peço licença ao autor para fazer algumas modificações em favor do nosso ideal.

- O iniciado deve evitar que entre quaisquer irmãos surjam questões pessoais ou campeie a maledicência, a inveja, a calúnia e a lisonja. Todos estes casos são tidos como delito aos olhos dos inquices. Evitar aqui deve ser entendido como ação positiva e dinâmica. Para tanto se faz preciso que o iniciado cultive entre os irmãos a verdadeira amizade.
- Qualquer omissão resultará em prejuízo da união, pois o relaxamento da fraternidade conduzirá ao descaso.
- Irmãos que não se cumprimentam, que não produzem o diálogo quando reunidos, que não se buscam no mundo do Candomblé, que não vão ao encontro dos que tem algum problema sério a solucionar, que não oferecem ajuda, orientação ou proteção a que todos os aflitos esperam receber, estes cometem delitos e quebra de juramento que será julgado pelo inquite.
- O comportamento dos iniciados deve diferir dos outros irmãos não iniciados, pois os iniciados podem ser comparados com o inquite Nkos’i, devidamente equipado com sua montaria, embora no sentido simbólico, em busca das aventuras espirituais e sociais; em primeiro lugar, amparar e proteger seus irmãos, para aprender a amar o seu próximo mais distante, a humanidade.
- Jesus Cristo, o iniciado por excelência, ensinava que nada vale deixar de praticar a maldade, o que é fácil. O que é necessário é praticar a bondade e isto é extremamente difícil.

- Devemos cultivar a fé sem fanatismo, evitar a vaidade e amar sempre, pois o amor abre todas as portas, e cada porta que para nós se abrir aumentará nossas responsabilidades de iniciado.



Portal a Iemanjá, em Belo Horizonte/MG<sup>viii</sup>

## POSFÁCIO – A LONGEVA PRESENÇA DOS INQUICES NAS MINAS GERAIS

Guilherme Dantas Nogueira - Tata Mub'nzazi

O livro de Tateto Napanji nos oferece a oportunidade de aprendermos com o mestre que popularizou o Candomblé Angola nas Minas Gerais. Junto a seus contemporâneos de fé das décadas de 1950 e 1960, ele, que é meu avô e pai de santo, foi o responsável por reabrir uma frente religiosa em nosso estado – e lutar contra toda a intolerância e racismo que a acompanhou –, que tem seu lugar assegurado nos anais de suas crenças.

A história dos cultos aos inquices nas Minas Gerais, contudo, *strictu sensu*, não começou com ele e seus companheiros daquele tempo. É justamente por isto que usei o verbo “reabrir”, indicando que seu movimento foi um resgate, um recomeço. Como todos os reinícios, foi ressignificado e atualizado à nossa limitada compreensão atual. Penso que este livro, neste sentido, tem o papel de nos auxiliar a entender uma memória e a experiência intrínseca a esta, imersa em uma inteligência humana e cósmica não acessível a todos nós sem a devida ajuda. A verdade é que se gasta um Tateto Napanji, guiado pelo *ngunzo* de Nkos'i e o inteligente amor de Pai Guiné de Aruanda, para enxergar tão adiante e com tanta segurança em uma estrada cósmica, que dá voltas em nossa vida social tão mundana. Pelo menos assim penso eu.

O resgatar empreendido por meu avô é parte de um movimento de relações do tempo, que as informações apresentadas em seu texto nos auxiliam a mapear até antes da invasão colonial portuguesa no Brasil. Havia nesta parte do planeta diversos povos vivendo em harmonia com a terra e a natureza (ainda que com suas idiossincrasias), a ela adorando e sendo por ela adorados. São os indígenas brasileiros, que na forma dos caboclos nos visitam ainda hoje no terreiro, trazendo lições da vida de um outro tempo, que seguem atuais e úteis. Estas pessoas dividiram após 1500 o cativo e a escravidão com os africanos da região central (África Central – sobretudo

os atuais Congo, Angola e Moçambique), que vieram aportar em Minas Gerais pela tragédia do tráfico negroiro. Juntos experimentaram a dureza dos castigos e colaboraram de diversas formas, buscando sua sobrevivência. Parte de nossa história moderna/colonial<sup>5</sup> insiste em nos ensinar que africanos e povos indígenas brasileiros rivalizaram insistentemente nos tempos do Brasil Colônia, mas, auxiliados por uma Historiografia crítica e não panfletária, podemos afirmar com segurança que o embate não foi a marca característica da relação que desenvolveram. Esta foi, por outro lado, a solidariedade e o intercâmbio cultural. A partir destes, no que tange aos africanos, foi aprendido o segredo da terra, da fauna e da flora brasileiras. E disso nasceram as primeiras formas da religiosidade afro-brasileira, que eram, mais propriamente, afro-ameríndias.

Não há muita coisa escrita sobre toda esta história, afinal, os letrados hegemônicos brasileiros nunca se ocuparam de registrar a história do povo negro escravizado – ou mesmo livre. Todavia, o antropólogo e artista plástico Renato da Silveira (2009)<sup>6</sup> nos brinda com o resgate, a compilação e a análise da história de Luzia Pinta, Mameto atuante nas Minas Gerais coloniais.

Mãe Luzia, segundo nos conta aquele autor, reinou em seu Calundu colonial, no século XVIII, nos arredores da antiga vila de Sabará. Curandeira de sucesso, capaz de virar<sup>7</sup> em Nzazi e Kaiango e de incorporar diferentes espíritos de antepassados curadores (muito provavelmente caboclos), atraía

---

<sup>5</sup> O uso das palavras “colonial” e “moderna” como sinônimos se remete à teoria sociológica da Colonialidade, que também me é instrumento para a escrita deste texto.

<sup>6</sup> SILVEIRA, Renato. O Candomblé da Barroquinha: Processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto. Salvador: Edições Maianga, 2006.

<sup>7</sup> O termo “virar no santo” é comumente utilizado para indicar o transe mediúnico com a manifestação de um inquite. Trata-se de uma manifestação mediúnica diferente da incorporação de um antepassado (espírito de pessoa morta) e não é – nem deve ser – tratado, de um ponto de vista êmico, da mesma forma.

à casa em que funcionava seu terreiro diversas pessoas em busca de seus conhecimentos e tratamentos. Angolana e já nascida escravizada, filha de mãe angolana e pai congolês, mãe Luzia foi batizada ainda criança em uma igreja católica de sua cidade natal, São Paulo de Luanda. Foi posteriormente trazida ao Brasil, aos seus doze anos de idade, onde, depois de anos de servidão, comprou sua própria alforria. O fato de ser batizada, claro está, não implicava que mãe Luzia seguisse o catolicismo, mas era seguramente (e forçadamente<sup>8</sup>) influenciada por ele. De qualquer forma, foi iniciada em Minas Gerais nos cultos aos inquices, por um pai de santo africano. Também no Brasil, aprendeu a cultuar nossa ancestralidade sagrada a partir das técnicas afro-ameríndias.

O Calundu de mãe Luzia reunia, portanto, elementos das três grandes tradições religiosas do Brasil colonial: o cristianismo português, ainda que aprendido em África; conhecimento da terra, da flora e da fauna brasileiras, decifrado por povos indígenas deste país e passado aos centro-africanos; e, hegemonicamente em sua formação, os cultos aos inquices e antepassados, trazidos da África Central. Não coincidentemente – porque coincidências não existem nesta grandeza – são estas as mesmas três grandes influências religiosas que encontramos na Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos’i, e que balizam a narrativa de Tateto Nepanji neste seu livro.

A história de mãe Luzia segue de maneira triste, como em geral se passou com a de todas as grandes calunduzeiras do Brasil colonial. Incomodados com sua crescente fama de curandeira, o Tribunal da Inquisição e seus representantes nas Minas Gerais profanaram e deram fim ao Calundu de mãe Luzia, levando presa, a julgamento e ao escárnio em Lisboa, esta nossa grande Mameto. Ela nunca abandonou sua fé e claramente fez juz aos inquices guerreiros que governavam sua cabeça, mas nem por isso teve um destino mais calmo.

---

<sup>8</sup> Os parêntesis aqui não são acessórios. Para além da interpretação histórica, Pai Guiné de Aruanda me falou que mãe Luzia foi forçada pelos colonizadores a aprender o catolicismo.

Escapou da fogueira, mas foi enviada a Castro Marim, cidadela localizada no fronte de batalha entre portugueses e seus inimigos islamizados, de onde se perdem suas notícias. É, contudo, por ser sua história tão triste que temos dela conhecimento. Foram os registros da inquisição que guardaram seu nome, sendo estes – e outros autores que as estudaram – as fontes consultadas por Silveira (2009).

O Calundu de mãe Luzia não foi o único registrado em Minas Gerais<sup>9</sup>, nem os registros dão conta apenas de nossa religiosidade em Sabará. Sua história, contudo, nos impressiona pela semelhança com o Moxicongo reorganizado por pai Nepanji em irmandade com a Umbanda nas Minas Gerais. Com efeito, Silveira (2009) nos explica que foi a partir dos cultos a antepassados curadores como aqueles de mãe Luzia, que nasceu a Umbanda – esta mesma que posteriormente foi reorganizada sob a liderança do médium Zélio de Moraes em Niterói (BROWN, 1994)<sup>10</sup>, e aprendida no Rio de Janeiro por Tateto Nepanji<sup>11</sup>. E Silveira (2009) também nos explica que foi a partir dos Calundus dedicados aos cultos a iníquices – como aquele de mãe Luzia – que, posteriormente, nasceu o Candomblé Angola, este mesmo que guarda em seu seio as tradições do Moxicongo, trazidas a Minas Gerais por pai Nepanji e vó Oloíá.

---

<sup>9</sup> Para outras várias referências de Calundus coloniais mineiros ver: SOUZA, Laura de Mello. Revisitando o Calundu. São Paulo. In: GORENSTEIN, Lina e CARNEIRO, Maria L. Tucci (Org.). **Ensaio sobre a intolerância: Inquisição, Marranismo e Anti-Semitismo**. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 293-317.

<sup>10</sup> BROWN, Diana. **Umbanda: Religion and politics in urban Brazil**. Nova York: Columbia University Press, 1994.

<sup>11</sup> A Umbanda é bastante variada e nem todas as suas formas seguem a linha iniciada por Zélio de Moraes. A Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos'i pratica uma variação própria, influenciada em alguma medida também pela Cabula, em que Tateto N'panji foi iniciado quando criança. A menção a Zélio de Moraes, contudo, é meritória, por ter sido este – junto às suas entidades – um dos principais responsáveis pela popularização da Umbanda pelo Brasil.

A mim, resulta emocionante observar tais coincidências. Enxergar em nosso terreiro algo semelhante ao Calundu de mãe Luzia. Perceber que o Tribunal da Inquisição nunca teve sucesso em silenciar o trabalho e a dedicação de pessoas devotadas à cura e iniciação espiritual do próximo. E perceber a genialidade de Pai Guiné de Aruanda, que, a partir da Umbanda, orientou e conduziu o processo da abertura da Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos’i e autorizou que fossem plantados os fundamentos do Candomblé Angola em seu solo sagrado. É esta união dos cultos a que essas duas religiões se dedicam, finalmente, a afro-religiosidade mãe das Minas Gerais.

---

## Notas do Editor

<sup>i</sup> O termo *èṣù*, assim grafado em iorubá (conforme convenção moderna, posto que o iorubá, como o quicongo, também não era originalmente uma língua escrita), língua ritual de outras tradições afrorreligiosas, designa igualmente em sua forma aportuguesada *exù*, o nosso inquite Ngira. Também designa, na Umbanda, espíritos guardiães e negociadores alinhados com a energia daquele santo, que se incorporam em nossos médiuns para fins de realização de trabalho espiritual. Usamos o termo “*exù de rua*” mais comumente para falar destas entidades e evitar a confusão com aquela divindade.

<sup>ii</sup> Há neste livro duas grafias para uma mesma palavra, ambas usadas normalmente e sem maiores (ou necessárias) ressalvas, em diferentes páginas: *inquite* e *nkis'is*. Como significado, a palavra (para além da grafia) nomeia igualmente as divindades cultuadas no Candomblé Angola, em maioria oriundas do antigo Reino do Congo (com a invasão colonial europeia da própria África parte deste reino foi alocada pelos europeus dentro do país hoje conhecido como Angola). Efetivamente, é possível encontrar comumente várias grafias diferentes para esta palavra. Trata-se de termo oriundo, mais comumente, das línguas quicongo (que é a mais usada ritualmente na Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos'i), bakongo e quimbundu, todas de raiz banta e transmitidas oralmente no Brasil, por africanos escravizados. *Strictu sensu*, não se pode afirmar haver grafia correta de palavras nesses idiomas, posto que nunca foram línguas escritas. No Brasil, é frequente o uso do termo em sua forma aportuguesada – aqui repetida via edição – em textos acadêmicos, o que termina por ser uma solução idiomática neutra. Optou-se na edição por usar a variação aportuguesada em alguns pontos em que não conforma termo composto (e.g. *mona nkis'i*), porque o texto ganhou mais com uma escrita mais neutra. Em outros pontos em que o termo não aparece composto mais a grafia quiconga foi mantida, foram consideradas questões estéticas.

---

iii A palavra Mameto se traduz, literalmente, como Mãe de Santo, o que não é o caso de Mutunji, que é a Mãe Pequena da Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos’i. A razão desta mãe candomblecista ser chamada de Mameto, portanto, não tem relação com seu cargo efetivo no Candomblé, mas com o respeito que recebe por ter sido, junto a Tateto Nepanji, co-fundadora, co-organizadora e co-mantenedora do terreiro e de sua comunidade religiosa. Mãe Mutunji nunca foi a mulher por trás de Pai Nepanji, mas sim sempre esteve a seu lado. Assim, recebe de sua comunidade a mesma deferência que Pai de Santo da casa.

iv A observação de Pai Nepanji de que o cargo máximo recebe este nome “em nossa nação” não deve passar batida: diferentes nações – e mesmo diferentes tradições dentro do Candomblé Angola – nomearão estes cargos à sua própria forma. Não há forma correta ou geral. Muito em função disso resulta, muitas vezes, usar os termos aporuguesados mãe e pai de santo.

v Cabe ressaltar que os cargos apresentados na sequência são nomeados conforme terminologia quicongo utilizada da Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos’i. Outros terreiros de Candomblé podem – e eventualmente fazem uso – de outros termos ou outras grafias. O Candomblé é, finalmente, diverso e não pode ser lido a partir de noções absolutas, nem mesmo dentro de uma mesma nação ou família religiosa.

vi O Candomblé, visto por prisma sócio-antropológico (embora caiba a crítica de que tal prisma é, em sua gênese, demasiado europeísta para explicar o Candomblé), deve ser entendido como politeísta. Os inquices/voduns/orixás cultuados são deuses da terra – sempre foram, nos sistemas religiosos africanos que compõem as raízes mais marcantes das religiões afro-brasileiras – e seu caráter divino é inegável. Todavia, há também um deus supremo, que é o deus do universo, conhecido com Nzambi no universo angoleiro.

---

vii A coluna “Moxicongo” pode ser refinada para um mais preciso “Moxicongo nas Minas Gerais”. Isso, pois a vasta formação afrorreligiosa de Pai Nepanji, que traz elementos da Cabula afrocapixaba e mesmo uma herança familiar moçambiquenha, traz também termos linguísticos e idiossincráticos específicos de sua história. O Moxicongo, finalmente, como tradição viva/dinâmica e jamais estática/folclórica/museológica, absorveu parte desta herança, enriquecendo-se com a mesma e incorporando, dentre outras coisas, variações de nomes de inuíces muito particulares à forma como é praticado nas Minas Gerais, na Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos’i e em suas casas filhas.

viii O monumento a Iemanjá foi construído na década de 1960, às margens da Lagoa da Pampula (Belo Horizonte/MG), após importante militância política de Tateto Nepanji junto à Federação Espírita Umbandista de Minas Gerais, da qual era presidente. O portal visto na imagem é uma restauração do monumento anterior, que havia sido depredado ao longo dos anos, em claro ato de racismo religioso. A restauração foi feita pela prefeitura da cidade e entregue a população em 2017. No evento de entrega do novo portal, Tateto Nepanji foi homenageado, em ato em que estiveram presentes diferentes filhas e filhos de santo seus e religiosas/os da Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos’i.